

G. K. Helleiner

The new global economy and the developing countries

Brookfield, VT, USA, Edward Elgar Publishing Company, 1990. xiii + 290p., US\$47,95.

South Commission

The challenge to the South

New York, NY, USA, Oxford University Press, 1990. xv + 325p., US\$13,95.

A partir de perspectivas muito diferentes, ambos os livros dão uma ampla visão geral de quase todas as questões desenvolvimentistas. O relatório da Comissão Sul destaca principalmente aspectos ambientais. Contudo, a extensa análise das perspectivas — pretensamente maiores — de cooperação entre países em desenvolvimento não leva na devida conta a diversidade que vem rapidamente aumentando no seio do próprio "Sul". O longo capítulo sobre as "relações Norte-Sul" é imparcial quanto aos motivos do colapso do diálogo Norte-Sul, há 10 anos. Mesmo assim, muitas de suas recomendações assemelham-se àquelas que foram, na época, apresentadas pelos países em desenvolvimento. De certa forma, o relatório reconhece ter havido mudanças fundamentais no mundo e no "Sul"; seus conselhos, porém, não refletem muito essa consciência. O livro do Prof. Helleiner é uma coletânea de trabalhos já existentes — exceto um deles. Vários foram feitos há cinco ou 10 anos, e alguns estão defasados. Confirmam porém a merecida reputação do autor, de analista persuasivo dos problemas de países em desenvolvimento e de porta-voz de seus interesses.

Foto da capa: Padraic Hughes-Reid. Foto na capa: Yosef Hadar; pentes africanos: Bañco Mundial. Bati-que: Martha Bonilla. Arte das páginas 7, 11, 14, 36, 37, 39, 41 e 45: David Wisniewski. Composição: Betty Maguire. Gráficos: Seção Gráfica do FMI. Fotos do Banco: M. Iannacci. Fotos do FMI: D. Zara e Padraic Hughes-Reid.

Saadet Deger e Somnath Sen

Military expenditure

The political economy of international security

Oxford, UK, New York, NY, USA, Oxford University Press, 1991. xii + 186p., US\$48.

Liba Paukert e Peter Richards (orgs.)

Defence expenditure, industrial conversion and local employment

Geneva, Switzerland, International Labour Office, 1991. ix + 228p., US\$32 (brochura US\$24).

O livro de Deger e Sen — uma boa resenha cronológica, com comentários, das recentes tendências de reduzir gastos militares, tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos — vem somar-se às várias contribuições dos autores nesse campo. Esse pequeno livro documenta fatos e ações significativos ocorridos nessa área e levanta, até de forma drástica, a questão que hoje se impõe aos governos: como reduzir o ônus dos gastos militares e tentar destinar mais recursos ao desenvolvimento sócio-econômico? O livro de Paukert e Richards, iniciado antes da distensão e da liberalização dos sistemas políticos do Leste europeu, traz uma oportuna análise dos efeitos dos gastos militares, a curto e longo prazos. A maioria dos especialistas que contribuíram para a obra concluiu que tais gastos têm efeitos negativos sobre as economias e que mesmo aqueles países que conseguiram crescimento mais rápido gastando mais na indústria bélica possivelmente chegariam a resultados melhores mediante outros gastos públicos e privados. Excetuando-se uma análise dos efeitos que tiveram sobre o emprego, na China, os cortes com defesa, a maioria dos capítulos aborda as questões de emprego e conversão em economias desenvolvidas: EUA, Reino Unido, URSS e áreas metropolitanas europeias. O destaque recai mais sobre as relações de trabalho do que sobre questões macroeconômicas.

United Nations Centre on Transnational Corporations

The challenge of free economic zones in Central and Eastern Europe

New York, NY, USA, United Nations, 1991. xxix + 435p., US\$75.

Os trabalhos que constituem esse livro concentram-se principalmente na URSS e abordam os seguintes assuntos: o papel e a criação de zonas francas (ZF), questões institucionais e econômicas, vínculos internos e internacionais, divisas, promoção e estudos de caso de ZF na Coreia, nos EUA, na Hungria, Irlanda, Iugoslávia e Polônia. Os autores do primeiro dos 22 trabalhos afirmam que "o crescimento de zonas de processamento de exportações... é provavelmente uma das inovações institucionais mais significativas que surgiram nos últimos 20 anos no cenário econômico mundial". Em apoio à assertiva, fazem ver que nos países em desenvolvimento que têm ZF o emprego total é "de mais de 1,5 milhão de trabalhadores" e as exportações ficam "em torno de US\$13 a US\$15 bilhões". Considerando-se essas cifras, as ZF têm pouquíssimo peso: empregam menos de um décimo de 1% da força de trabalho dos países em desenvolvimento, geram aproximadamente o mesmo percentual da produção e respondem por cerca de 1,5% das exportações de países desenvolvidos. Para chegar a esses resultados, os governos que implantaram zonas francas ofereceram aos investidores estrangeiros generosos subsídios, concessões, privilégios e incentivos. Talvez em certos casos as ZF tenham melhorado as políticas vigentes e se o governo pretender criar zonas francas, há maneiras melhores e piores de fazê-lo. O livro poderá ser útil a quem se interesse pelo assunto. Mas à medida que as economias adotarem políticas abertas, de mercado, o papel das ZF diminuirá ainda mais e serão esquecidos os temas abordados nesse livro, como localização ótima de uma ZF, questões contábeis, procedimentos alfandegários especiais, análises de custos/benefícios das ZF.

CARTAS

Economia da produção siderúrgica

Em seu artigo Mudanças na economia siderúrgica (*F&D*, jun. 1991), Robert Miller

acompanhou muito bem as mudanças ocorridas na indústria siderúrgica e sugeriu vários cenários possíveis para o desenvolvimento tecnológico. Mas deixou de considerar dois fatores que afetam a economia

da produção siderúrgica: o excesso de capacidade global de produzir aço e o imperativo da proteção ambiental.

Durante muitos anos, o aço foi a vaca sagrada das políticas industriais, tanto nos